# Pela vida das mulheres e pela Agroecologia

Photo: Luciano Silveira

**Uma vigorosa rede de agricultoras-experimentadoras da Paraíba vem impulsionando mudanças fundamentais na vida de centenas de mulheres. A aprendizagem coletiva entre as agricultoras tem permitido que as mulheres rurais quebrem seu isolamento e assumam posições de liderança. O sucesso do movimento das mulheres reside nos vínculos que estabelecem entre a experimentação agroecológica e a reflexão sobre as desigualdades.**

Adriana Galvão Freire

*Não sou escrava, nem sou objeto*
*Para se fazer de mim o que bem quer*
*Não tenho dono, não sou propriedade*
*Eu quero liberdade, me deixa ser mulher*

Esses foram os versos entoados por mais de cinco mil agricultoras enquanto marchavam pelas ruas do município de Lagoa Seca em 2015. Elas vieram de todos os municípios que formam o Polo da Borborema e de outras regiões do estado da Paraíba e seu canto se tornou o hino da luta por autonomia, pelo fim de todas as formas de opressão e violência contra as mulheres e pela afirmação da Agroecologia. Vestidas de branco ou de lilás, de bandeira na mão e chapéu na cabeça, as mulheres ocuparam as ruas para participarem da sexta edição da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia (que, neste ano de 2018, completou a sua nona edição, reunindo cinco mil mulheres agricultoras no município de Lagoa de Roça).

## Uma rede de agricultoras-experimentadoras

O Polo da Borborema é um fórum de sindicatos e outras organizações da agricultura familiar que abrange 14 municípios e articula mais de cinco mil famílias da região Agreste da Paraíba. A partir do início dos anos 2000, com a assessoria da AS-PTA, o Polo da Borborema começou a elaborar e executar um projeto de desenvolvimento local baseado no fortalecimento da agricultura familiar e na Agroecologia. A construção de conhecimento local e a aprendizagem coletiva entre agricultores são os princípios metodológicos que norteiam esse projeto. Nos últimos 15 anos, tem-se lançado mão desses princípios para apoiar as famílias agricultoras no desenvolvimento de inúmeras inovações que visam superar as barreiras técnicas, econômicas e sócio-organizativas para a expansão da Agroecologia na região.

Embora a trajetória bem-sucedida das famílias agricultoras se devesse em grande parte ao paulatino envolvimento das mulheres, a cultura patriarcal continuou dominante, tanto na esfera familiar quanto nos espaços públicos, invisibilizando e desqualificando o conhecimento, as práticas e a importância das mulheres para a manutenção da economia de suas famílias e comunidades. Portanto, as capacidades das mulheres permaneciam subvalorizadas. Percebeu-se, assim, que a desigualdade entre homens e mulheres era um obstáculo à plena implementação da Agroecologia.

Em 2002, os debates sobre as relações sociais de gênero ganharam força no Polo da Borborema. Por meio de um esforço de reflexão crítica sobre o cotidiano e as atividades que realizam em suas propriedades, um grupo de mulheres vinculado ao Polo começou a construir uma compreensão sobre o papel das mulheres na agricultura familiar. Uma das conclusões mais importantes foi a de que a maior parte de suas atividades estava concentrada dentro da casa e, em especial, no seu entorno (o arredor de casa).

## Arredor de Casa

Conhecido como "arredor de casa", o quintal teve seus diferentes componentes e múltiplas funções identificadas. Por meio dessa análise coletiva, as mulheres concluíram que as atividades realizadas no arredor de casa eram determinantes para o funcionamento geral do sistema. Além de promover a produção diversificada de vegetais e pequenos animais que exercem grande relevância na economia doméstica, esses espaços são essenciais para a gestão da água de consumo familiar, para a preservação e o resgate das plantas medicinais e para o teste de novas variedades de cultivos.

Com base nessas reflexões, as mulheres começaram a identificar os principais desafios que enfrentavam e como poderiam superá-los. Um dos maiores era o acesso à terra. Por ser uma região de forte presença da agricultura familiar, a Borborema é muito sujeita à minifundização em função dos sucessivos processos de herança. Com a paulatina diminuição dos espaços produtivos, o arredor de casa, área de terra fértil e úmida, passou a ser alvo de disputa, sendo muitas vezes substituído por roçados em que os homens plantavam feijão e milho. Esses conflitos resultaram em um aumento da vulnerabilidade econômica e social das agricultoras, criando ou acentuando situações de extrema subordinação, dependência e pobreza entre as mulheres.

Para dar visibilidade e valorizar o trabalho das agricultoras, realizou-se o Seminário Regional sobre os Arredores de Casa, ocasião em que as práticas exitosas conduzidas nos quintais foram compartilhadas entre as mais de 150

**Mulheres manifestam-se na Marcha Pela Vida das Mulheres e Pela Agroecologia.** Foto: Luciano Silveira

mulheres participantes. Elas também apresentaram suas experiências em uma reunião do Polo da Borborema. O desdobramento desse processo foi a criação da Comissão de Saúde e Alimentação do Polo, um espaço específico que passou a organizar, executar e monitorar um programa de formação para as agricultoras, oferecendo, assim, suporte para que elas pudessem adaptar e implementar inovações no manejo de seus quintais.

**Resgate e valorização do conhecimento das mulheres** Incorporando os princípios metodológicos da aprendizagem coletiva já profundamente enraizados a partir da assessoria da AS-PTA ao trabalho do Polo da Borborema, a comissão atuou como catalisadora de uma dinâmica de intercâmbios de agricultora a agricultora, o que deu origem a uma rede formada por mais de 1.300 agricultoras-experimentadoras. As mulheres passaram a desenvolver soluções próprias para problemas técnicos específicos de seus quintais tendo como base os conhecimentos adquiridos nas visitas a outras agricultoras, tanto dentro como fora de seus municípios, o que impulsionou um verdadeiro movimento de revitalização e reordenamento desses espaços produtivos.

As mulheres também realizaram estudos específicos sobre plantas medicinais, pequenas criações, frutas nativas, meios para a superação da pobreza e avaliação econômica da produção dos arreadores de casa. Os estudos e reflexões foram fundamentais para resgatar e organizar a riqueza do conhecimento construído coletivamente pelas agricultoras – muitas vezes difuso, fragmentado e subvalorizado, mesmo pelas próprias mulheres. Trazer à luz toda essa gama de conhecimentos fez com que elas se sentissem cada vez mais motivadas a continuar experimentando.

Os intercâmbios também foram cruciais para quebrar o isolamento que muitas mulheres vivenciavam (ver quadro). Agora, elas podem encontrar e conhecer outras mulheres e, aos poucos, vão rompendo as barreiras culturais que as *prendem na cozinha de casa*. Além disso, a partir desses encontros, foi sendo forjada uma identidade coletiva, a das mulheres agricultoras -experimentadoras.

De todas as mudanças desencadeadas, duas mostraram ser decisivas para a consolidação desse processo de auto-organização e empoderamento das mulheres. A primeira foi o reconhecimento do quintal como um subsistema importante dentro do estabelecimento familiar por seu potencial para gerar riqueza, segurança e soberania alimentar e bem-estar para a família. A segunda foi que, à medida que reivindicavam o controle das áreas do quintal e começaram a ser bem-sucedidas em seus empreendimentos agrícolas e econômicos, as mulheres passaram a ocupar mais espaços nas esferas pública e privada.

**Fundos Rotativos Solidários – uma ferramenta para a auto-organização das mulheres** A Comissão de Saúde e Alimentação passou a estabelecer os Fundos Rotativos Solidários (FRS) para apoiar as mulheres a aplicarem em suas próprias casas o que vinham aprendendo durante os intercâmbios. Os FRS funcionam com base nos laços sociais de reciprocidade e de ajuda mútua que tradicionalmente marcam as comunidades camponesas. Um número crescente de mulheres agricultoras de mais de 90 comunidades da região participa dos FRS (dado de 2017).

A partir das visitas de intercâmbio, as mulheres passaram a trazer ideias concretas para casa com o objetivo de melhorar o bem-estar da família, bem como para superar suas limitações financeiras por meio de mudanças em seus sistemas de produção. Em muitos casos, essas transformações beneficiaram seu relacionamento com os outros membros da família.

A trajetória de superação construída pelas mulheres

## Rompendo o isolamento social

"Hoje eu sou uma mulher diferente. Antes, quando via pessoas, nunca sentia vontade de falar, de me abrir. Eu apenas ouvia as outras pessoas falarem. Hoje não! Hoje eu falo com todo mundo. Eu me tornei mais forte, como mulher, como mãe. Faço parte de muitas das mudanças na comunidade porque comecei a participar e compartilhar minhas experiências com amigos e vizinhos. Estou orgulhosa disso. Quando eu e outras mulheres começamos a participar, algo que os homens já faziam, muitas coisas mudaram na minha comunidade. Especialmente para mim. Eu me sinto realizada e com certeza continuarei a participar!"

*- Agricultora do município de Remígio (PB)*

do Polo da Borborema, contudo, não se fez sem conflitos. Velhos e novos tensionamentos se manifestam nesse percurso, revelando as diversas formas de opressão e dominação sobre as mulheres. Tais fatos exigiram um aprofundamento da reflexão sobre as desigualdades de gênero e o reconhecimento de que, sem entendê-las e questioná-las, não se avançaria na construção de um projeto político emancipador da agricultura familiar.

## Superando a opressão e a desigualdade de gênero

No final de 2007, o Polo da Borborema e a AS-PTA começaram a procurar formas de tornar essas mudanças na vida das mulheres permanentes. Histórias de mulheres que se tornaram referências na promoção da Agroecologia foram sistematizadas e compartilhadas na rede de agricultoras-experimentadoras. Essas histórias abriram as portas para que outras mulheres se expressassem sobre a falta de reconhecimento de seu trabalho e as desigualdades sobre o uso de espaço, de tempo e de dinheiro. Para muitas mulheres, era a primeira vez que se sentiam motivadas a falar. Diante desses testemunhos e trocas, o grupo de agricultoras se encheu de coragem para superar essa condição de subordinação e caminhos foram abertos para a formação de novas lideranças.

As análises realizadas durante as sistematizações foram essenciais para o aprofundamento do trabalho na região, agora incorporando explicitamente o debate sobre desigualdades nas relações de gênero. A crítica ao patriarcado, a discussão sobre estratégias para sua desnaturalização e a reflexão sobre o que isso significa para a sociedade passaram a ser elaboradas nos espaços de interação proporcionados pela rede de experimentação agroecológica. Portanto, foram ancoradas na realidade concreta e no ambiente cultural no qual as mulheres agricultoras vivenciavam suas lutas do cotidiano.

## A luta continua

Com a Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, realizada anualmente desde 2010, o movimento das agricultoras se fortaleceu. O número de mulheres participantes da marcha passou de 700 em 2010, para 1.800 em 2011 e 5.000 em 2015. A ampla maioria das participantes é formada por agricultoras-experimentadoras, portanto são mulheres envolvidas ativamente na construção da Agroecologia. Muitas atividades de sensibilização são conduzidas em preparação à marcha com o objetivo de desnaturalizar as estruturas culturais reprodutoras da desigualdade sociais entre os sexos.

O sucesso dessa abordagem metodológica foi ter vinculado a experimentação agroecológica com a reflexão sobre as desigualdades entre homens e mulheres, criando um espaço para a produção coletiva de novos conceitos sobre a construção dos gêneros dentro da agricultura familiar. As mulheres foram então ampliando sua inserção em todos os espaços. Estão em todas as Comissões Temáticas, mas também, na coordenação do Polo da Borborema. Têm ainda forte presença em seus sindicatos, nas feiras agroecológicas, na gestão de fundos rotativos e de empreendimentos, na representação de suas comunidades e organizações, em Conselhos Municipais, sendo fieis portadoras das propostas que compõem o projeto político do Polo para o território da Borborema.

No dizer das lideranças do Polo, *não há tempo para se baixar as bandeiras, a luta é todo dia*. O ambiente criado no território permitiu que os tensionamentos - no interior das famílias, mas também nos espaços públicos - sejam constantemente enfrentados. Nessa lógica de superação de conflitos, as relações sociais e a cultura vão pouco a pouco evoluindo. Ainda longe de ser o ideal, é bem verdade. O mais importante é que essas agricultoras estão conseguindo marcar um lugar enquanto sujeito histórico na luta por transformações sociais, na luta pela vida das mulheres e pela Agroecologia.

**Adriana Galvão Freire** (adriana@aspta.org.br) Assessora técnica da AS-PTA, uma organização que atua na promoção da agricultura familiar e da Agroecologia no Brasil e integra a Rede AgriCulturas

**Uma estratégia para o desenvolvimento da Agroecologia em âmbito territorial deve incorporar o enfrentamento das desigualdades entre homens e mulheres.** Foto: AS-PTA